

cronicando

(no longer editor) N. 7/10/87 por Mia Couto

Não falámos já?

Falar ou não com os bandidos armados? A questão, em si mesma, é já uma armadilha. Mesmo que a resposta seja uma negativa frontal talvez um pouco do anzol já tenha sido mordiscado. Tenho para mim que alguma cautela deve estar presente para que a questão, qualquer que seja a resposta, não nos conduza para um terreno que é o dos outros.

Falar com os BA's? Já falámos. Tivemos conversações com a sua legítima e reconhecida direcção. Muitas e muitas vezes tentámos o diálogo. Estou a adiantar afirmações escandalosas, a revelar segredos da intimidade do nosso Estado? Não. Porque de todas as vezes que tivemos conversações para o fim desta guerra de agressão, de todas as vezes que aconteceram conversações com a África do Sul elas foram devida e amplamente noticiadas.

De facto, sempre que se realizaram encontros com governantes de Pretória estávamos a discutir com quem? Não discutíamos a possibilidade de pôr cobro à guerra com o único sujeito que a cria, dirige e mantém? Com quem mais tem que haver tentativa de solução pacífica?

A questão das conversações com os BA's é uma armadilha de pensamento. Acena a hipótese que os BA's existem como entidade autónoma, como ser umbilicalmente desligado do ventre que o gerou. Torna viável um fantasma, mesmo que seja no terreno das eventualidades. Concede hipótese de diálogo a um jogo de ventriloquia. Ainda que a resposta seja um profundo e sentido «não», mesmo que essa negativa resulte de genuíno patriotismo, ela pode ser um indicio de que se escorregou para o terreno da lógica do inimigo.

O povo moçambicano rejeita o diálogo com os BA's. Mas a razão fundamental para essa recusa não é o carácter criminoso do banditismo. Não é apenas a razão do sangue e do sofrimento, a razão dessa resposta. É sobretudo porque ninguém confere existência própria ao banditismo.

Os crimes dos bandidos são hoje conhecidos em todo o mundo. A barbárie por eles praticada é universalmente conhecida. Mesmo forças que nos condenam nas opções socialistas que tomámos, mesmo essas admitem a natureza assassina das acções dos bandidos.

O banditismo não tem qualquer viabilidade de negar ou justificar a sua crueldade. Resta-lhes o truque de se tentar apresentar como fenómenos interno e levar alguns países a aceitarem como praticável um compromisso.

Resta-lhes a aceitação do banditismo e do «apartheid» como coisas distintas. A armadilha pode inclusive associar-se ao atractivo de admitir que a «África do Sul está por trás do banditismo. Mas o «apartheid» não está por trás: ele é o banditismo». Não se trata apenas de os BA's terem sido gerados por Pretória. Eles mantêm-se como parte do corpo do seu progenitor. Mãe e filho são seres distintos apenas depois do corte do cordão umbilical. Mas esse corte, ainda que previsto, não foi realizável. O projecto era exportar o banditismo e esperar que ele criasse raízes sociais ou políticas na sociedade moçambicana. Autonomizado que estivesse, o terrorismo poderia ser «lançado à vida» enquanto que os seus progenitores o acompanhariam à distância. Mas o carácter antipopular da agressão inviabilizou esta alternativa. O banditismo não ganhou raiz nacional alguma. Pelo contrário: mesmo os sectores que, por sua natureza de classe, não se encostariam ao projecto socialista, se uniram num corpo nacional de rejeição à agressão.

O cordão umbilical não pode nem poderá ser cortado: os BA's surgem sem máscara como um destacamento operacional do exército sul-africano. É por isso que escrevo: conversações com os BA's? Já tivemos, de cada vez que falamos com os dirigentes sul-africanos. Não resultaram. Resta-nos a resposta das armas. Resta-nos a consciência que essas armas devem alcançar a Paz o mais breve possível. Porque a agressão se mantém para que, com o tempo, os vencedores não possam recolher senão ruínas e poeira. Já que outro vencedor não pode haver senão o povo moçambicano, ao menos esta guerra nos sirva para que a Paz seja a única condição que falta para o progresso. No resto, estamos já capazes para o País que queremos.